

## O triunfo do homem comum: a salvação moderna no filme *Armageddon*<sup>1</sup>

The triumph of the common man: modern salvation in the movie *Armageddon*

Eduardo Martinelli Leal

IFSUL - Campus Charqueadas. Rua General Balbão, 81, 96745-000, Charqueadas, RS, Brasil.

[martinelli\\_leal@yahoo.com.br](mailto:martinelli_leal@yahoo.com.br)

---

**Resumo.** O filme *Armageddon* destaca como personagens centrais a figura de homens comuns, perfuradores de petróleo, que salvam o mundo do choque de um asteroide. Analisando a formação histórica americana, percebemos que a iniciativa desses personagens é uma releitura do mito de fundação daquela sociedade, inspirada no Iluminismo e no Calvinismo. Nessa nova interpretação, o futuro dos homens depende muito mais de sua coragem e perseverança diante dos obstáculos do que de uma concessão divina, pois a tecnologia permitiu a superação dos limites de uma espécie já desencantada. A complementaridade do gênero na união familiar e afetiva representa a continuidade da espécie humana. O filme exalta a guerra como modo de construção da identidade americana e do “outro”, seja ele humano ou um “híbrido”. O desfecho da salvação do mundo concilia as dicotomias entre ciência como técnica e a afirmação de valores sociais tradicionais, estendendo esses valores para o vínculo humanitário entre as nações do mundo, definidas a partir do universo mítico do americano. Se o mundo aparece desencantado nas lentes da racionalidade científica, a salvação depende de uma reconciliação entre a ciência e o *mundo da vida*. Para salvar o mundo, são necessários homens que representem essa humanidade há muito perdida pelos cientistas.

**Palavras-chave:** *Armageddon*, Iluminismo, Calvinismo.

**Abstract.** The film *Armageddon* shows the figure of common men, oil drillers as central characters who save the world from an asteroid collision. Analyzing the American historical formation we realized that the initiative of these characters is a retelling of the myth of the foundation of that society, inspired by the Enlightenment and Calvinism. In this new interpretation the future of men is much more dependent on their courage and perseverance in the face of obstacles than on a divine concession because technology allowed overcoming the boundaries of an already disenchanted species. The complementarity of gender in family and affective union represents the continuation of the human species. The film extols war as a way of constructing American identity and the “other”, be it human or a “hybrid”. The outcome of the salvation of the world reconciles the dichotomy between science as technique and affirmation of traditional social values, extending these values to humanitarian ties between the nations of the world, defined from the American mythic universe. If the world appears disenchanted to the lenses of scientific rationality, salvation depends on a reconciliation between science and the world of life. In order to save the world men are required to represent this long-lost humanity by scientists.

**Keywords:** *Armageddon*, Enlightenment, Calvinism.

---

<sup>1</sup> O filme no Brasil foi lançado como “Armageddon”, sua duração é de 151 min. O filme foi dirigido por Michael Bay, com um orçamento aproximado de US\$ 140 milhões e uma receita de US\$ 553,709,788 milhões.

## Introdução

Enquanto a agência espacial americana NASA destaca seus melhores homens na missão que tentará salvar a terra do choque de um asteroide, o comandante General Kimsey (Keith David) tece um comentário sobre a equipe de perfuradores de petróleo que terão uma tarefa indispensável para o sucesso da missão. Ele conclui que o destino do planeta está nas mãos de “um bando de retardados”, comentário jocoso semelhante ao do Coronel William Sharp (William Fichtner), cosmonauta líder de uma das equipes, ao perguntar se esses eram “os eleitos”, comparando-os à missão tripulada por astronautas treinados da Apollo 11, bem distante da imagem dos perfuradores chegando visivelmente abatidos depois de um treinamento com caças. A equipe de bons perfuradores, mas péssimos astronautas é duramente reprovada em todos os rigorosos testes físicos e psicológicos.

Não há mais tempo suficiente para preparar os perfuradores para também serem astronautas, já que levaria em média dezoito meses para treiná-los, enquanto restam apenas dezoito dias antes da queda do asteroide. Harry S. Stamper (Bruce Willis) não abre mão de seus perfuradores, pois também acredita que um astronauta não seria um bom perfurador, mesmo com uma equipe já treinada pela NASA durante oito meses.

O trabalho de perfuração é mais do que conhecimento científico, é, antes de tudo, trabalho prático e artesanal, como argumenta Harry: “perfurar é uma arte, aprendi com o meu pai [...] perfuro a vida toda e ainda não sei tudo”. Isso se torna patente quando Harry percebe que o protótipo do perfurador montado pela NASA é fruto do seu próprio projeto que teria sido roubado do registro de patentes americano. O mais grave é que o projeto foi montado de maneira equivocada, o que torna esdrúxula a cena em que Harry desmonta o perfurador como um mecânico de automóveis, enquanto dezenas de cientistas vestidos de branco são ridicularizados por um homem comum.

E é de homens comuns que se faz a salvação do mundo. Diferentemente das serotologias<sup>2</sup> cristãs, nas quais a salvação é uma obra divina e implica uma ética disciplinada e regrada dos escolhidos ou de uma sobriedade ascética (crença comum também nas serotologias asiá-

ticas), esses homens comuns representam uma nova interpretação do mito de fundação da sociedade americana inspirado no Iluminismo e no Calvinismo. Só com homens comuns é que se pode representar essa salvação universal de caráter libertário (*Liberty*) e independente (*Independence*), como ilustra o nome das duas naves da missão. Nessa nova interpretação, o futuro dos homens depende muito mais de sua coragem e perseverança diante dos obstáculos do que de uma concessão divina, pois a tecnologia permitiu a superação dos limites de uma espécie já desencantada.

## O reencantamento do mundo

O processo de racionalização, segundo Max Weber, caracteriza a consolidação das instituições modernas, objetificando as relações sociais a partir de escolhas pautadas em interesses racionais (ou ações sociais racionais em relação a fins). É essa atitude que vai permitir o retrato pessimista de Weber acerca da modernidade: a secularização e o desencantamento do mundo, no qual o predomínio de formas sociais tradicionais ou mágicas perderia seu valor diante da necessidade de controle inerente às instituições modernas, controle que se faz a partir da técnica e da ciência, seja em relação à natureza ou em relação à sociedade.

É desse modo que a racionalização das esferas sociais permitirá transferir a autoridade dos deuses ou de alguns indivíduos para a autoridade das instituições modernas. Seja qual for o destino do homem, ele não é mais definido pela tradição, pelo passado ou por autoridades carismáticas. Quando a explicação teológica entra em declínio, assistimos à hegemonia das ciências naturais, expressão da busca desenfreada do homem no controle sobre a natureza.

O diagnóstico weberiano do desencantamento do mundo também é corroborado por Habermas (1968), que afirma que o domínio dos *sistemas* sobre o *mundo da vida* produz uma espécie de colonização simbólica da vida social. Habermas irá criticar a utilização da ciência como técnica, através do uso de uma razão que se configura como eminentemente *instrumental* porque utilizada de maneira ideológica, como um instrumento político para dominar, oprimir e explorar o outro. Assim como fica evidente no discurso do presiden-

<sup>2</sup> Crenças de salvação.

te americano, justificando que até as guerras travadas pelo país no passado teriam servido como uma preparação para essa missão. Seria o mesmo que dizer que a prática da guerra foi necessária para aprimorar a tecnologia na salvação do mundo e não aquilo que essa retórica instrumental realmente significa.

Anthony Giddens (1991) caracteriza a modernidade pela reflexividade, atitude em que as próprias práticas sociais são reavaliadas e atualizadas pelo conhecimento novo produzido acerca destas, e estas mesmas teorias passam a ter um peso sobre a construção da realidade social. A crença no destino determinado pelos deuses ou pela tradição desaparece do horizonte da modernidade, que a reduz à confiança nos *sistemas peritos*<sup>3</sup>.

A confiança nos *sistemas peritos* não impede a consciência do *risco*, mas este é encarado simplesmente como fruto de ações e escolhas humanas, o que produz uma segurança ontológica, na qual se confia na estabilidade do mundo à luz do domínio do conhecimento sobre este. Essa confiança fica explícita na discussão entre o cientista da NASA e um assessor do presidente, quando o primeiro diz que não confiaria nos conselhos de alguém que tirou uma nota “c” em Astrofísica. Aqui temos a disputa entre os modos de conceber a realidade que afeta diretamente as práticas sociais sobre ela.

No filme, assistimos a uma caricatura apologetica de uma ciência pura e “sem valores”, ilustrada pela NASA, mas também uma crítica à razão instrumental dos *sistemas peritos*. Assistimos ao retrato de uma ciência sem financiamento para prever com uma antecipação adequada à aproximação do asteroide, passiva e até burocrática diante de novos problemas e situações imprevistas. A ideologia da “exploração científica” autoriza e empodera os cientistas, mas, na prática, é utilizada como estratégia de “expedição militar”, o que é muito bem representado nos protocolos de emergência quando a missão não ocorre de acordo com o prazo estipulado, o que coloca em jogo, de maneira fria, a vida dos tripulantes da missão.

Se o mundo aparece desencantado nas lentes da racionalidade científica, a salvação depende de uma reconciliação entre a ciência e o

*mundo da vida*. Para salvar o mundo, são necessários homens que representem essa humanidade há muito perdida pelos cientistas. Entre os escolhidos nessa missão, estão pessoas acima do peso, viciados em jogo e em mulheres, ex-criminosos, sujeitos excêntricos que, nas últimas dez horas antes da missão são presos por brigar em um bordel. Entretanto, a despeito de seus “vícios” (em uma avaliação religiosa) eles são competentes naquilo que fazem.

Max Weber (1999) argumenta que, nas filosofias e soterologias asiáticas, a salvação envolve um saber místico – mágico, encantado – sobre o “sentido” do mundo e da vida. Ao contrário da ciência ocidental, na qual o conhecimento está atrelado ao domínio da natureza, esse saber envolve “meios de domínio mágico e místico sobre si mesmo” (Weber, 1999, p. 144). Esse saber místico só pode ser obtido através do treinamento do corpo e do espírito, seja pela renúncia ao prazer ou das necessidades básicas ou da prática intensiva da meditação.

Nas doutrinas asiáticas, o conhecimento é acessível a poucos e conduz a um reino extraterreno e destituído de forma racional. Esse determinismo pode ser resumido na doutrina indiana do *Samsara* e do *Karma*. Como não há escapatória ao *Karma*, cabe apenas uma fuga gnóstica a um reino extramundano (fora do mundo). Ao contrário, no ocidente a ética racional intramundana deu origem a um envolvimento político de pensadores e profetas com os problemas políticos da *cidade*, enquanto, na Ásia, o surgimento da *cidade* foi impossibilitado pelo valor do poder da parentela e da separação das castas.

Comparando o Confucionismo ao Puritanismo, Weber aponta que o protestantismo ascético eliminou a magia (embora não a superstição) por meio de sua demonização, ao valorizar apenas aquilo que tem um valor racionalmente ético, ou seja, a ação orientada pelos mandamentos divinos. No Puritanismo, ao contrário de uma fuga do mundo, há uma rejeição ascética do mundo, uma ética mundana orientada para uma meta transcendente, além do mundo. O Puritanismo implicava a transformação do mundo por meio do seu controle e domínio ético e racional. Tanto o

<sup>3</sup> Para Giddens (1991), as instituições modernas *desencaixam* as relações sociais dos seus contextos tradicionais de interação e as reorganizam através de distâncias indefinidas de tempo e espaço. Entre os mecanismos de *desencaixe* estão as *fichas simbólicas* (dinheiro) e os *sistemas peritos*. Por *sistemas peritos*, Giddens entende o conjunto de conhecimentos produzidos por especialistas, notadamente os cientistas, que detêm o conhecimento acerca das possibilidades de ocorrência dos eventos, apartando o conhecimento das relações sociais que lhe servem de contexto.

puritano quanto o confuciano seriam sóbrios, mas, para o puritano, o destino não estava determinado. A crença na predestinação surge como corolário de que as chances de salvação seriam desiguais a todos. A segurança na salvação – não a certeza – repousa na ideia de que o indivíduo se torna um instrumento de Deus quando tem uma relação direta com a vontade divina, que ele acreditava ser por meio do controle racional do mundo (através do trabalho, da ciência etc.).

Como toda missão desbravadora, essa é uma jornada de homens de coragem, de iniciativa e de persistência. O filme representa uma integração universal a partir de homens comuns, não de homens perfeitos (cientistas, astronautas) ou bons (doutrinas de salvação). A salvação não está na sobriedade do comportamento e tampouco é algo concedido por Deus. A salvação é algo que os humanos colocam sob sua responsabilidade através da tecnologia, dando um passo “além da espécie”, como no discurso do presidente americano.

A NASA representa a ciência como técnica que não resiste ou se traduz desqualificada diante do mundo da vida, representado por pessoas comuns e suas imperfeições, trabalhadores competentes e seu conhecimento acumulado. A reintegração da ciência ao mundo da vida ocorre pela entrada desses representantes da sociedade, defendendo valores tão caros como aqueles expressos na espera de Grace.

## A espera de Grace

Antes de partir para a missão, uma cena romântica entre A.J. Frost (Ben Affleck) e Grace Stamper (Liv Tyler) suscita um comentário de Harry. Harry diz ao seu colega de trabalho, Charles Chapple (Will Patton), que A.J. “não leva nada a sério”, enquanto Charles complementa: “lembra um cara que conheci”. Esse comentário sugere que Harry já foi como A.J. e leva-nos a concluir, ao final do filme, que A.J.

não é só a continuidade de Harry (“sempre pensei em você como meu filho”) e que o substituirá em sua função de proteger Grace, mas que A.J. é ainda melhor do que Harry, uma vez que é sua ousadia que salva o mundo.

Grace foi criada desde a infância pela equipe de perfuradores de Harry, pois a mãe de Grace os abandonou. Entretanto, Harry não deseja que ela case com um “operário”, pois, em suas palavras, “ela merece mais, ela é melhor do que nós”. Quando Harry descobre o envolvimento da filha com A.J., ele toma a atitude esperada de um homem: perseguir o sujeito com uma arma atirando a esmo em uma plataforma de petróleo. A aceitação de A.J. só vem com o desfecho da missão, quando Harry entrega simbolicamente sua filha e sua vida para ficar e explodir o asteroide, não sem antes oferecer o gesto heroico à filha<sup>4</sup>. A filha “do homem mais corajoso que já conheci”, nas palavras do coronel Sharp, agora tem a permissão para ir ao altar.

Cabe destacar que a figura do herói<sup>5</sup>, Harry, trata-se de uma exaltação do indivíduo, mais precisamente a encarnação do ideal do *self-made man*, do homem que faz o seu próprio destino. O ato heróico de Harry não se trata apenas da preservação da humanidade, mas da continuidade da sua família<sup>6</sup>, como uma metáfora da continuidade do seu sangue, atestada pela ligação entre ele e o seu possível genro, que lhe substituirá como protetor de Grace, sua única filha.

As mulheres estão ausentes desta empreitada, elas assumem um papel complementar nessa missão, são as mulheres que esperam, como a ex-mulher (junto com seu filho) de Charles Chapple, a prostituta de Rockhound (Steve Buscemi) e Grace. Embora a missão contemple a participação de uma mulher, a copiloto Jennifer Watts (Jessica Steen), seu papel é secundário, até o próprio russo se sobressai em relação a ela quando faz a nave ligar “à moda russa”<sup>7</sup>. Grace é importante por se

<sup>4</sup> Em nome da filha, Harry jura ao Coronel Sharp terminar a perfuração do asteroide.

<sup>5</sup> Weber argumenta que o processo histórico vivenciado pelas religiões asiáticas não foi propício ao surgimento da noção de personalidade, tal como nas religiões ocidentais, especialmente aquelas de denominação protestante. A noção de personalidade só poderia emergir em uma soterologia intramundana, já que nas doutrinas asiáticas nenhum poder baseado na conduta individual poderia influenciar as forças da tradição e da convenção, por isso a ação do confuciano, por exemplo, se dirige para fora do mundo. O confuciano tem obrigações com pessoas –posições sociais– e não com indivíduos (Weber, 1999).

<sup>6</sup> Aqui nos referimos à ideia de família como herança e não como privilégio. Cabe destacar que, durante a colonização inglesa na América, a maioria destes “pioneiros”, especialmente os puritanos, traziam consigo toda a família. Além disso, o “Dia de Ação de Graças”, um dos símbolos tradicionais americanos, é uma celebração essencialmente religiosa e familiar (Tota, 2009).

<sup>7</sup> Batendo com uma barra de ferro na nave.

ligar de maneira complementar a A.J., como um casal representativo, e a Harry, o pai que zela pelo controle da sexualidade da filha. Esse caráter complementar se traduz na espera de Grace, que briga em nome de sua família e chora copiosamente diante das adversidades da missão.

O argumento implícito nas diferenças entre homens e mulheres se aproxima de teorias essencialistas<sup>8</sup>, uma vez que as relações de poder implícitas nas diferenças de gênero emergem como determinações pretensamente naturais. É nesse sentido que a dimensão biológica implícita nas relações familiares atua como base do *status* social, ou seja, as relações biológicas são utilizadas como pretensamente mais naturais ou legítimas para expressar as diferenças de gênero. É assim que a complementaridade do gênero representa a universalidade da espécie, ou seja, a complementaridade de A.J. e Grace é determinada pela sua função biológica como reprodutores da espécie<sup>9</sup>.

Lembremos da cena em que A.J. argumenta que a salvação do mundo só valeria a pena se mais pessoas no mundo estivessem vivendo o mesmo que o casal. É uma defesa do casamento heterossexual como valor – social – e como função – biológica, reprodutora, casamento este que fecha o filme, com a presença da família reintegrada e a homenagem aos que deram a vida para a continuidade da espécie. Mas esse filme poderia muito bem ter sido contado a partir de outro personagem, o asteroide.

## A narrativa através do asteroide

A ironia do perfurador de petróleo Harry abre uma das primeiras cenas do filme *Armageddon*: ativistas do Greenpeace são afastados por Harry com bolas de golfe, enquanto este

pergunta se eles sabem quanto seus barcos gastam de combustível. A ironia é a mesma que cerca muitas das oposições ou dicotomias entre natureza e a cultura que assistimos nas representações que emergem durante o filme. É a respeito da contradição implícita nessa dualidade que o antropólogo da ciência Bruno Latour (1994) dirá que “jamais fomos modernos”. Nós, ocidentais, sempre efetuamos uma divisão entre natureza e cultura (ou sociedade), colocando a última como o lugar mesmo de controle e hierarquicamente superior à primeira.

Essa jornada inicia com o estabelecimento da hegemonia da explicação científica sobre a teológica e a partir da consolidação do método científico das ciências naturais. É a partir da construção dessa verdade acerca da natureza, do controle, do domínio e da construção de leis de funcionamento naturais que a noção de humanidade irá se definir. O modelo hegemônico de cientificidade se estabelece a partir das ciências naturais, que operam o controle sobre a natureza, dividindo os humanos dos não-humanos.

Se o desenvolvimento proposto pela modernidade produziu uma fronteira entre exploradores da natureza – os perfuradores de petróleo – e os protetores da natureza – os ambientalistas – no final de contas, nós estamos a falar de *híbridos*, pois não podemos nos referir aos objetos naturais sem considerar que essa natureza não pode ser isolada de sua perspectiva social. A atividade de extração de petróleo simboliza a empresa incerta da exploração natural<sup>10</sup>, o mesmo tipo de atividade inóspita e viril que caracterizava a colonização na América, com a presença de adversidades como a fome, a traição e o confronto com populações hostis (Karnal *et al.*, 2010). Do mesmo modo, a produção de um discurso reificado sobre a natureza, com uma agência

<sup>8</sup> As abordagens essencialistas admitem que as diferenças sociais são fruto de disposições inatas, ou seja, já nascem conosco, como se estivessemos programados desde o nascimento a desenvolver determinados comportamentos. A relação entre a aparência física, a anatomia sexual ou mesmo a genética seriam a base na explicação das diferenças sociais que pautam as relações de gênero. São exemplos dessa abordagem a Psicanálise de Freud (a posição social da mulher se define a partir de uma falta – o pênis –, o que justificaria sua suposta imaturidade, dependência, inferioridade etc.); a Sociobiologia ou Psicologia Evolucionária (a diferença entre homens e mulheres decorre de adaptações pautadas na sobrevivência da espécie, em que os homens lutam para manter viva sua genética a partir do seu comportamento promíscuo, violento e competitivo); além disso, teorias essencialistas podem ser encontradas no senso comum, como é o caso do filme em questão, que seleciona um determinado modelo de construção do gênero como hegemônico, atribuindo a ele um caráter biológico e universal (Brym *et al.*, 2006).

<sup>9</sup> Seria o mesmo que colocar um exemplar de todas as espécies em uma arca, a diferença é que a ideia não nos parece atualmente muito original.

<sup>10</sup> Para uma crítica acerca da dicotomia entre colônias de exploração e de povoamento na colonização ibérica e na inglesa na América, respectivamente, Karnal *et al.* (2010) argumentam que essas duas características estavam presentes nos dois tipos de colonização.



ou intencionalidade, surge como uma visão de mundo marcadamente ocidental<sup>11</sup>.

É nesse sentido que Latour argumenta que jamais fomos modernos, pois jamais conseguimos separar a natureza da cultura. Nós também podemos recontar a história do filme a partir da construção de outro *híbrido*: o asteroide. Desde as consequências políticas dos primeiros destroços do asteroide (seria um ataque terrorista?), até o modo com que o conhecimento deve ser aplicado para impedir a destruição da Terra e, depois, na agência do asteroide, uma vez que ele “sente que querem destruí-lo” e se vinga daqueles que tentam explodi-lo. Essa agência do asteroide<sup>12</sup>, na visão de Harry, é uma explicação social acerca da motivação ou intencionalidade da ação do asteroide.

Contudo, como um híbrido, o asteroide também é, afinal de contas, um objeto concreto que, além de sua existência social, pode extinguir nosso planeta. E, por fim, o asteroide é um híbrido porque ele representa o outro.

## O asteroide representa o “outro”

Poucos filmes conseguem reunir tantos lugares comuns como *Armageddon*. Um desses lugares comuns é a exaltação da guerra como modo de construção da identidade e do “outro”. O petróleo, símbolo de riqueza em uma sociedade moderna, também é um símbolo de disputa que é transposto para a missão, que conta ainda com outro elemento ainda mais simbólico: a ogiva nuclear que destruirá o asteroide. O perfurador utilizado na missão conta com uma metralhadora! Não bastassem todos esses detalhes inverossímeis, o narrador do filme é Charlton Heston, um defensor militante da posse de armas nos Estados Unidos. Para começar, o filme é um elogio à guerra como forma de libertação.

A antropologia clássica já sublinhou a importância da dimensão relacional na produção da identidade, aludindo ao efeito da produção do outro para o surgimento de um sentimento de coletividade. O trabalho de Evans-Pritchard (1978) é um exemplo. O autor mostra que as disputas entre os Nuer, grupo nômade do Sudão, tinham uma importância central na sua estruturação social e na constituição de suas identidades, uma vez que acionavam através da segmentação<sup>13</sup>, alianças e oposições. O Nuer pertenceria essencialmente aos grupos locais, pois o grupo é visto de dentro como segmento e de fora, como unidade.

Embora seja uma missão universal, é importante lembrar que as decisões são tomadas pelos americanos, mas, sobretudo pelo presidente americano. Nessa construção etnocêntrica do outro, o russo (Lev) é retratado como improvisador, passional e um aficionado pela ideia de ser herói. Lev (Peter Stormare) é o único personagem que admite ou tem consciência de que quer ser um herói, os demais estão muito ocupados tentando salvar o mundo: “podemos ficar sentados, o governo só nos pediu para salvar o mundo” (Harry). Além disso, a estação russa é uma sucata precária que compromete a missão, uma alegoria que remete aos embates ideológicos da Guerra Fria.

Cabe destacar que o contexto americano sempre foi muito aberto à coexistência da diversidade cultural em decorrência da sua formação histórica de relatividade religiosa (colonização inglesa) e da imigração, mas manteve as diferenças culturais de maneira independente. Distintamente da colonização ibérica, a conversão religiosa e a mestiçagem não tiveram um caráter sistemático na formação da nação americana (Karnal *et al.*, 2010).

Segundo Leandro Karnal (2010), o etnocentrismo americano não está baseado na con-

<sup>11</sup> Latour (1994) reflete sobre dois movimentos que sintetizam a modernidade. A tradução ou mediação, que consiste na fabricação de híbridos, objetos, ao mesmo tempo, “naturais” e “sociais”. A segunda etapa trata de separar esses objetos através do processo de purificação, na qual os objetos são divididos em duas categorias ontológicas: de um lado, a cultura, de outro, a natureza controlada pelos procedimentos científicos. Esse efeito de purificação encobre o trabalho de produção desses objetos naturais, que emergem como verdades – leis – sobre a natureza.

<sup>12</sup> Autores como Descola (2006) e Viveiros de Castro (2002) mostram que outras cosmologias não percebem a natureza e a cultura como entidades separadas, mas sim como um *continuum* nas relações estabelecidas entre humanos e não-humanos. Nesse sentido, os ameríndios entendem os animais e os seres sobrenaturais como ex-humanos, ao contrário dos ocidentais, que percebem os homens como ex-animais.

<sup>13</sup> O princípio de segmentação dos Nuer estrutura as relações sociais em diferentes níveis: as seções primárias são as seções tribais maiores; estas se dividem em secundárias; que, por sua vez, dividem-se em terciárias; sendo as últimas compostas de várias comunidades de aldeias com grupos domésticos e de parentesco. A identidade Nuer se define, portanto, pelo nível de análise, pois o princípio da segmentação e oposição orienta os membros de um mesmo segmento a unirem-se nas disputas contra segmentos adjacentes da mesma ordem, mas também a unirem-se a estes segmentos adjacentes nas disputas contra seções maiores. O autor mostra que, quanto menor o segmento, maior o sentimento de unidade e de solidariedade, mas também mais intensa a oposição e a ocorrência de brigas e disputas.

cepção civilizatória do outro como entre os colonizadores europeus, mas na dificuldade de reconhecimento do outro, dos seus distintos processos históricos e culturais, em reduzir o outro no horizonte de suas categorias de percepção. O outro<sup>14</sup> só se torna visível em oposição ao eu. Leandro Karnal argumenta que, nas produções cinematográficas americanas, o outro emerge como “anônimo, agressivo, sem ética e diluído na natureza” (Karnal, 2010, p. 23), enquanto os personagens americanos têm uma biografia, como vimos com o casal A.J. e Grace.

Atitude cultural bastante disseminada, as visões etnocêntricas justificam a construção de identidades étnicas no mundo todo e respaldam desde a troca e a aliança entre grupos até a construção de regras de interdição<sup>15</sup> em relação ao outro, a rivalidade ou a guerra. Isso quer dizer que nenhuma construção cultural prescinde de relações de poder e de hierarquias arbitrárias.

A unidade em torno da salvação do mundo se assemelha em muito ao modelo do cinema *western*, reunindo a expansão e conquista do Oeste americano contra rivais históricos franceses, indígenas, ingleses etc., com a defesa de valores como a liberdade individual. Esse modelo pode assim ser descrito,

*Uma pequena povoação do Oeste será atacada por poderoso grupo de perigosos bandidos; o xerife local convoca a população local para ajudá-lo na tarefa hercúlea de defender a cidade, e as “forças vivas” se acovardam; então, ele próprio, auxiliado por pessoas marginalizadas, rechaça os invasores. Salvam-se todos graças ao herói solitário, que às vezes recebe o auxílio corajoso dos mais humildes ou mesmo dos elementos indesejáveis! (Guazzelli; Beck, 2010, p. 268).*

Guazzelli e Beck (2010) argumentam que esse modelo é transposto no cinema para inimigos ficcionais como em “A conquista da Lua” (1950), do diretor Irving Pichel. Da mesma forma que em *Armageddon*, neste filme, há uma aliança entre a ciência, o exército e o capital privado. O cinema *western* sintetiza alguns valores ancestrais americanos, sobretudo que o indivíduo vale mais pelas suas ações do que pela sua origem, o que dá espaço àqueles

indivíduos marginais, que, por vezes, se sobrepõem aos homens “bons”. O que importa é defender a liberdade ameaçada pelo “outro”.

## A saída antropocêntrica

A ideia de salvação religiosa trata da relação direta com Deus, ela é uma alegoria para produzir sujeitos. Essa produção envolve tradicionalmente um ascetismo, exige dos fiéis uma disciplina moral sobre seu comportamento, pois, por serem escolhidos, devem fazer jus a essa escolha através de sua conduta na terra. Essa filosofia se aproxima da interpretação protestante que prevê um ascetismo intramundano, pois fazer parte da obra de Deus é o único modo de ter esperança na salvação. *Armageddon* simboliza uma inversão dessa noção, já que a salvação emerge como algo que depende dos homens, mais particularmente de homens comuns, quem sabe até excepcionais pelo seu comportamento desregrado e cheio de “vícios”.

É importante destacar que as doutrinas religiosas delimitam que aqueles que serão salvos, em certa medida, apresentam os índices condizentes com a salvação, mas não estendem a salvação aos demais. No filme, temos um grupo de eleitos que se salva, justamente porque condensa os elementos mundanos necessários e estende a salvação aos demais. Eu diria que é a própria mundanidade que produz a salvação, já que a dimensão ética dessa transformação não é mais necessária quando esta pode ser substituída pela tecnologia, ou que esta é uma outra ética pautada na defesa da organização familiar e do trabalho, realizada por homens falhos e pecadores.

A.J. tem um papel fundamental na salvação da Terra e ainda herda a condição de Harry. Lembremos que, durante o treinamento na NASA, A.J. é visto como imprudente em relação às questões de segurança durante a perfuração, por isso Harry o adverte sobre seu “exibicionismo”. Mas A.J. insiste em sua posição, alegando que o “computador [esse perito] está errado”. No momento crucial da perfuração do asteroide, quando não havia outra solução, A.J. repete o procedimento e solicita a Harry

<sup>14</sup> É possível supor que essa propensão à manutenção da diversidade cultural tenha influenciado a emergência da Antropologia Cultural nos Estados Unidos, tendo como base o uso particularista do conceito de cultura, que tem origem no termo alemão *kultur*, que denota o “espírito de um povo” (em contraposição à influência universalista do termo francês, *civilization*) (Cuche, 1999). Talvez pela sua diversidade interna, o etnocentrismo americano se dirija ao estrangeiro. Cabe lembrar um exemplo negativo de manutenção de diferenças: o regime de segregação racial.

<sup>15</sup> Regras de proibição que podem envolver o contato, o casamento ou a alimentação com o outro.

que lhe dê um voto de confiança. O sucesso da audácia de A.J. é agora interpretado como uma superação em relação aos conhecimentos de Harry.

Se a missão garante a liberdade em relação ao deus que dita os parâmetros do destino, a independência se estabelece entre Grace e A.J. em relação a Harry. Para Grace, significa maturidade e autonomia em relação ao controle de sua vida, enquanto para A.J. simboliza o controle sobre a tarefa produtiva.

Tota (1999) caracteriza o modelo de vida americano pelo individualismo, pela liderança e pela contestação da autoridade. Tota argumenta que a formação histórica americana foi fortemente influenciada pelo Iluminismo e pelo Calvinismo<sup>16</sup>, via Puritanismo. Uma das características do Puritanismo americano é a crença no “destino manifesto”. Herdada da noção de predestinação calvinista, de que, nesse caso, os americanos seriam o povo escolhido ou eleito, a ideia de “destino manifesto” serviu como referência para a construção (passível de dominação) do “outro” quando da expansão para o Oeste americano. A crença na razão e na liberdade de interpretação religiosa *Armageddon* adicionou um roteiro de filme *western*, um elogio à cultura americana.

Na salvação cristã, o homem diz sim a uma escolha divina; na salvação em questão, o homem produz sua própria salvação, reordenando um destino fatal, já que não seria merecedor diante de sua conduta no mundo. Nesses termos, temos, de um lado, a racionalidade científica, pautada na perícia, objetividade e neutralidade ética e, de outro, o *mundo da vida*, representado por um ideal de família que se expressa nos valores da solidariedade, do trabalho e da honra masculina.

O desfecho da salvação do mundo concilia as dicotomias entre ciência como técnica e a afirmação de valores sociais tradicionais, estendendo esses valores para o vínculo humanitário entre as nações do mundo, definidas a partir do universo mítico do americano. É uma saída antropocêntrica e secular, quando não importa mais salvar os ímpios, mas defender a própria pele. A mitologia moderna em *Armageddon* congrega a predestinação com o elogio do homem comum, o trabalhador prático e perseverante. Diante das condições adversas e obstáculos, o que importa é não de-

sistir, nas palavras de Harry, mesmo que, para tanto, seja necessário um pequeno atalho. Em *Armageddon*, homens simples salvaram a Terra, resta saber se, com esse atalho eles também conseguirão salvar a própria alma.

## Referências

- BRYM, R.J.; LIE, J.; HAMLIN, C.L.; MUTZENBERG, R.; SOARES, E.V.; SOUTO MAIOR, H. 2006. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo, Thomson Learning, 585 p.
- CUCHE, D. 1999. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa, Fim de Século, 256 p.
- DESCOLA, P. 2006. *Par-delà Nature et Culture*. Paris, Gallimard, 618 p.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. 1978. *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva, 278 p.
- GIDDENS, A. 1991. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, Editora UNESP, 177 p.
- GUZZELLI, C.A.B.; BECK, J.O. 2010. Quatro de Julho, um *western* no espaço. In: C.A.B. GUZZELLI; FERREIRA, L.S.; MONTEIRO, L.; GONZAGA, S. (orgs.), *Tio Sam Vai à Guerra: os conflitos bélicos dos Estados Unidos através do cinema*. Porto Alegre, Suliani Letra & Vida, p. 253-274.
- HABERMAS, J. 1968. *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa, Edições 70, 147 p.
- KARNAL, L. 2010. Identidade e Guerra: Estados Unidos da América e os conflitos. In: C.A.B. GUZZELLI; FERREIRA, L.S.; MONTEIRO, L.; GONZAGA, S. (orgs.), *Tio Sam Vai à Guerra: os conflitos bélicos dos Estados Unidos através do cinema*. Porto Alegre, Suliani Letra & Vida, p. 17-25.
- KARNAL, L.; FERNANDES, L.E.; DE MORAIS, M.V.; PURDY, S. 2010. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 288 p.
- LATOUR, B. 1994. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Ed. 34, 152 p.
- TOTA, A.P. 2009. *Os Americanos*. São Paulo, Contexto, 304 p.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 552 p.
- WEBER, M. 1999. *Weber: Sociologia*. 7ª ed., São Paulo, Ática, 167 p.
- WEBER, M. 2002. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Editora Martin Claret, 223 p.

Submetido: 07/02/2014

Aceito: 19/03/2014

<sup>16</sup> O trabalho de Weber (2002) reflete sobre a relação entre a interpretação Calvinista de mundo e a visão do trabalho e da riqueza como índices de salvação.